

## **CICLO JUNINO – FESTA DE SÃO JOÃO**

\*Cláudia Lima

### **FESTEJOS JUNINOS**

Os festejos juninos, de junho ou, joaninos, de São João, representam uma tradição que bem identifica o Nordeste, isso diante de sua grande aceitação, desde a época do Brasil Colônia e que se mantém, ainda hoje, nas mais diversas camadas sociais das cidades e, particularmente, nas zonas interioranas.

Os festejos juninos foram introduzidos desde o início da colonização portuguesa, e foram de tamanha importância social, que influenciaram diretamente nos usos e costumes de nosso povo.

Os festejos em homenagem a esses santos, caracterizam os valores e costumes herdados pelas três raças que, miscigenadas, moldaram o perfil do povo brasileiro. Dos portugueses, negros e índios, geraram-se crenças, superstições, músicas, danças, que são identificadas também, nos festejos do ciclo junino.

### **ORIGEM DOS FESTEJOS JUNINOS**

A origem dos festejos juninos remonta, segundo a opinião de alguns pesquisadores, às comemorações pagãs, realizadas em Roma, em homenagem a deusa *June*.

As festas juninas já exibiam, nesse mesmo período do ano, as características de adoção do fogo e dos festejos aquáticos, que dariam origem aos usos tão singulares da época de São João.

No Hemisfério Norte, o início do solstício de verão cai de 21 a 22 de junho, quando começam a festejar a proximidade dessas colheitas, realizando festejos que visavam, também, afugentar os espíritos maus da esterilidade, pestes e secas.

Quando o cristianismo triunfou sobre a velha mitologia pagã, os costumes enraizados na cultura popular da Europa de então, não poderiam ser deturpados, continuando o povo a realizar suas festas a cada chegada de um novo verão.

A proximidade da noite de São João com a do solstício de verão europeu, juntaram-se outros dados que foram alargando a ligação entre o santo e as antigas festas pagãs. A Igreja,

que não pudera extingui-las, soube transforma-las e adaptá-las ao seu próprio calendário de comemorações.

As tradições européias pré-cristãs de comemoração da mudança do ciclo solar, a entrada do verão no hemisfério norte, com ritos que marcam início das colheitas e homenageiam a fertilidade da terra, foram transpostos para o calendário católico na devoção de Santo Antônio, São João e São Pedro, correspondendo ao segundo a data mais próxima a mudança sazonal, com a mais longa noite do ano. Essa herança pagã, cristianizada, nos foi legada pelo colonizador português.

## **FESTEJOS JUNINOS NO BRASIL**

No Brasil, os festejos juninos foram introduzidos pelos portugueses na primeira metade do século XVI, sendo as referências mais antigas aquelas de que falam as crônicas de Frei Vicente de Salvador:

*“As fogueiras, os fogos de artifícios, as brincadeiras, o pagamento de promessas e outras tantas credices, atraíam silvícolas e camponeses à capela. Missas eram celebradas, se contavam histórias, faziam-se adivinhações. Os padres procuravam conquistar aos neo-cristãos e lhes fortificar a fé católica”.*

Muito embora as tradições de hoje, chamada “ciclo junino”, que vão do período de 13 a 29 de junho, tenha sido introduzida pelos portugueses, aqui no Brasil ganharam um toque de criatividade. Mais uma vez, o brasileiro desenvolveria o seu estilo de enfeitar as tradições, como fez com o carnaval e outras festas. A herança do colonizador ficaria enraizada, mais acrescida com influências de outros povos, como: negros africanos, franceses e até polacos.

Os “banho de santo”, que eram procissões levando a imagem de São João para ser banhada em rios, cachoeiras ou mar, repetiam tradições ibéricas. Surgiram também, manifestações novas como a quadrilha de origem francesa; o coco-de-roda de origem africana; polcas e mazurcas de descendências polacas, etc.

## **FESTEJOS JUNINOS NO NORDESTE**

No Nordeste, as festas juninas estão diretamente vinculadas ao início da colheita do milho e é sobre este alimento que se concentra toda a culinária de época.

Por outro lado, a festa conserva rituais do fogo, mais do que qualquer outra do nosso calendário. É na noite de São João que se acendem fogueiras votivas e soltam-se variados tipos de fogos. Fogueiras cuja finalidade não é o aquecimento do ambiente da festa.

Os ritos do fogo e da fertilidade da terra estão intimamente relacionados ao sexo, não explicitamente ao sexo-prazer, mas ao sexo reprodução, fertilidade humana.

Apesar da natureza agrária, a tradição junina permanece viva também nas cidades, onde se procura representar os ambientes rurais. Na representação da cultura da população rural, tem prevalecido o espírito caricatural. Criou-se uma poesia matuta, contos e crônicas matutas, danças matutas, festas matutas, também chamadas caipiras, que seriam as equivalentes paulistas dos nossos matutos.

Os dois pontos principais dessa representação camponesa na Festa Agrária que se pratica na cidade são a quadrilha e o casamento matuto.

## **A QUADRILHA – DANÇA JUNINA**

A quadrilha que se dança atualmente é um desdobramento, uma variante de uma dança européia introduzida no século passado.

Era uma dança de palácios do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático.

A aceitação da quadrilha nos meios populares ocorreu logo após a sua introdução no Brasil. O que poderia ter sido um modismo de imitação do modelo hegemônico persistiu ultrapassando de cem anos, acabando por se fixar na festa junina. A quadrilha é uma manifestação organizada de modo sistemático em escolas, clubes sociais, turmas de subúrbios. A organização é uma tarefa comunitária, tanto na classe média ou baixa, é uma realização espontânea.

Os ensaios e outras providências, como o recrutamento dos participantes e o levantamento de fundos para cobrir as despesas, é iniciado logo após a Páscoa ou, mais tardar, no começo de maio.

Pagamento de músicos, transporte (quando a quadrilha assume compromissos de se apresentar em outros locais), troféus, compra de tecidos, para confecção das vestimentas, gambiarras e outros materiais elétricos para iluminação do local das apresentações, material de decoração (balões, bandeirolas, figuras de São João), etc. Para fazer face a essas despesas, são instaladas barracas de comidas e bebidas, nos ensaios e dias de festa; são realizados sorteios e bingos, com a cooperação de todos os participantes .

Os passos da dança e a movimentação dos pares, movimentação em sub-grupos, rodas, filas, travessias e outras figurações são ensaiadas nos fins de tarde ou à noite, durante os fins de semana do período preparatório.

O marcador, que poderá fazer parte ou não da quadrilha, vai anunciando os passos, no geral, no total de trinta, com nomes aportuguesados do francês; dando origem ao "matutês", misturas do matuto com francês; que caracteriza os nomes da maioria dos passos da quadrilha sertaneja, sendo que a criação popular encarregou-se de acrescentar novos e evolutivos passos, como também novos figurantes.

Rapazes e moças em fila indiana, em pares alternados, braços para baixo, colocam-se frente a frente, "Vis a Vis", aguardando que as sanfonas inaugurem o baile. Quando os instrumentos se ajustam, começa a quadrilha e o marcador grita: anavantur, anarriêr, balancê, travessê de cavalheiros, travessê de damas, travessê geral, granmuliné, otrefoá, grande roda, damas ao centro, damas a direita e cavalheiros a esquerda e vice-versa, preparar para a cesta, olha a cesta, desmanchar, grande roda a esquerda, passeio na roça, avanço de damas e cavalheiros, preparar para a chuva, é mentira, olha a chuva, chuveu, passou, seus lugares, balancê, moinho, lacinho do amor a direita e a esquerda, seus lugares, balancê, preparar um pequeno galope, balancê, anavantur, preparar o grande túnel, começar, anarriês, seus lugares, balancê, preparar para o grande galope, começar, desmanchar, balancê, passeio a dois, retournê, seus lugares, anavantur, anarriêr, passeio na roça pelo meio, damas para um lado, anavantur, preparar para o serrote, passeio na roça com roda, passeio do amor a esquerda, retournê, seus lugares, preparar para a o desfile, primeiro as damas, agora cavalheiros, seus lugares, preparar para o galope, começar, seus lugares, changê de damas, changê de cavalheiros, anavantur, anarriêr, balancê, grande roda, preparar para o granchê, começar, retournê, grande roda a direita e a esquerda, preparar para o túnel, começar, grande roda, balancê na grande roda, preparar para o caracol, começar, retirê, c'est fini.

A orquestra é composta de um zabumba ou bombo, sanfona (acordeon) e triângulo. Uma figura importante na quadrilha é o marcante ou marcador, escolhido entre os mais experientes membros do grupo, ou convidado para este fim, ordena o andamento da dança e as variações das figuras, chamando ou marcando, em gritos as figurações que devem ser executadas. As marcações tem denominações de expressões em francês amatutado.

As primeiras apresentações da quadrilha, com os seus trajes característicos, ocorrem na véspera de Santo Antônio, ou no último fim de semana que lhe antecede e, as apresentações devem seguir, na véspera de São João e de São Pedro, quando são encerradas, ou no fim de semana que segue esta última comemoração. E tantas vezes, nos intervalos dessas datas, queiram se apresentar e tenham disposição.

## **CASAMENTO MATUTO**

O casamento matuto é uma representação em que crianças, adolescentes e jovens adultos, com muita liberdade e malícia, debocham da instituição do casamento, da severidade dos pais, do sexo pré-nupcial e suas conseqüências e do machismo.

O enredo é quase sempre o mesmo, com poucas variantes: os noivos tiveram relações sexuais antes do casamento e a noiva quase sempre está grávida; os pais da noiva obrigam o noivo a casar; este se recusa; é necessária a intervenção da polícia; depois o casamento se realiza com o padre fazendo a parte religiosa e o juiz, fazendo o casamento civil, sob as garantias do delegado e seus soldados. A quadrilha é o baile de comemoração do casamento. O enredo é desenvolvido em linguagem alegórica, satirizando a situação, carregando o sotaque do interior.

**Fonte: LIMA, Claudia. Revista Junina. Edição Especial. Recife: Editora Raízes Brasileiras, junho, 1997.**

---

\* **Claudia Lima**: Graduação em Comunicação Social, Especialização em História do Brasil, Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, folclorista, etnógrafa, pesquisadora e escritora.